



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

SARAH AKEMI MARTINS KONDO

**ANÁLISE SEMIÓTICA SHERLOCKIANA: A CRIAÇÃO DE UMA PERSONAGEM
INESQUECÍVEL**

Araguaína/ TO

2022

SARAH AKEMI MARTINS KONDO

**SEMIÓTICA SHERLOCKIANA: A CRIAÇÃO DE UMA PERSONAGEM
INESQUECÍVEL**

Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de
Oliveira

ARAGUAÍNA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

K82s Kondo, Sarah Akemi Martins.
SEMIÓTICA SHERLOCKIANA: A CRIAÇÃO DE UMA PERSONAGEM
INESQUECÍVEL . / Sarah Akemi Martins Kondo. – Araguaína, TO, 2022.
19 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2022.
Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira

1. Arthur Conan Doyle. 2. Sherlock Holmes. 3. Peirce. 4. Romance Policial.
I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

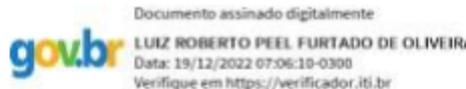
SARAH AKEMI MARTINS KONDO

**SEMIÓTICA SHERLOCKIANA: A CRIAÇÃO DE UMA PERSONAGEM
INESQUECÍVEL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
UFNT - Universidade Federal do Tocantins -
Campus Araguaína. Curso de licenciatura em
Letras - Português como registro de aprovação na
disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Data de aprovação: 13/12/ 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (orientador)
UFNT

Prof. Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus (examinadora)
UFNT

Prof. Dr. Antonio Cilírio da Silva Neto (examinador)
UEMA

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha mãe, Joafat Kondo e ao meu pai Takeo Kondo, por serem meu pilar, sem eles eu não seria nada. Ao meu magnífico orientador, Dr. Luiz Roberto Peel, que foi extremamente paciente, profissional e amigo para com a minha pessoa, além de um ótimo professor. Aos meus gatos por serem meus apoios emocionais, além dos diversos escritores ao qual sou apaixonada, Edgar A. Poe, Conan Doyle, Augusto dos Anjos e Raphael Montes, que são minhas maiores inspirações. Outrossim, mas não menos importante, agradeço a uma professora, de Língua Portuguesa, que tive no ensino médio, que disse que eu não conseguiria nada, muito menos me formar em Letras. Então, eis aqui o meu trabalho de conclusão de curso.

“Não existe triunfo sem perda, não há vitória sem sofrimento, não há liberdade sem sacrifício.”

(J. R. R. Tolkien – O Senhor dos anéis)

SUMÁRIO

RESUMO	
1 INTRODUÇÃO	2
2 A GÊNESE DO ROMANCE POLICIAL	3
3 DETETIVE CONSULTOR	4
4 SEMIÓTICA SHERLOCKIANA	7
5 A EXISTÊNCIA SHERLOCKIANA	9
6 SHERLOCK EM NOSSO PALÁCIO MENTAL	11

SEMIÓTICA SHERLOCKIANA: A CRIAÇÃO DE UMA PERSONAGEM INESQUECÍVEL

RESUMO

Este texto teve como ponto de partida, a pesquisa exploratória, cujo objetivo é a averiguação de questões de cunho semiótico a fim de tornar a investigação mais precisa; para tanto, o texto foi feito em formato de artigo com uma abordagem direta, por meios bibliográficos e documentais, tendo como teoria analítica a semiótica; e usando ferramentas não estruturadas apresentadas no texto, de maneira que os dados fossem abordados qualitativamente; ou seja, coletando informações que não se limitassem apenas a mensurar o tema, mas sim a descrevê-lo, usando pontos de vistas e opiniões. Por fim, usando como princípio a literatura, o enfoque foi dirigido para a coleção de livros do autor Sir. Arthur Conan Doyle, que trata da personagem Sherlock Holmes, figura central, que apresenta caráter popular na literatura e no universo pop. A semiótica americana foi utilizada como ferramenta para uma provável resposta, usando como referencial teórico argumentos do pesquisador Charles Sanders Peirce, no que se refere a como uma figura pode se tornar tão icônica e tão simbólica aos olhos humanos, até o ponto de ser quase impossível não a reconhecer; e, assim, Sherlock Holmes se torna, para cada leitor, uma figura ao mesmo tempo remática e alegórica.

Palavras-chave: Arthur Conan Doyle; Sherlock Holmes; Peirce; Romance Policial.

ABSTRACT

This text had as its starting point, the exploratory research, whose objective is the investigation of questions of a semiotic nature in order to make the investigation more precise; for that, the text was made in article format with a direct approach, by bibliographic and documentary means, having semiotics as analytical theory; and using unstructured tools presented in the text, so that the data were approached qualitatively; that is, collecting information that was not limited to just measuring the topic, but rather describing it, using points of view and opinions. Finally, using literature as a principle, the focus was directed to the collection of books by the author Sir. Arthur Conan Doyle, which deals with the character Sherlock Holmes, a central figure, who presents a popular character in literature and in the pop universe. American semiotics was used as a tool for a probable answer, using arguments from researcher Charles Sanders Peirce as a theoretical reference, regarding how a figure can become so iconic and so symbolic in human eyes, to the point of being almost impossible not recognizing it; and thus Sherlock Holmes becomes, for each reader, a figure at once rhematic and allegorical.

Keywords: Arthur Conan Doyle; Sherlock Holmes; Peirce; Police Romance.

1. INTRODUÇÃO

É sabido que algumas personagens fictícias acabam sendo memoráveis. Desde os primórdios da literatura, escritores hábeis conseguiram criar personagens que acabam ficando marcadas na mente de seus leitores. Tendo em vista isso, podemos afirmar que a caracterização dessas personagens acaba sendo tão ilustre que, com poucos detalhes, o indivíduo é capaz de identificá-las em determinadas situações. Dando importância a esse fenômeno, este artigo visa desvendar fundamentos em torno deste assunto, trazendo como foco a personagem Sherlock Holmes, do autor Sir. Arthur Conan Doyle; e elucidando, a partir disso, como autores conseguem com maestria a tão sonhada admiração imutável de multidões em atenção à sua criação literária. A execução desta pesquisa teve como concepção uma ideia de como um autor consegue construir, por meio de palavras, uma personagem tão inesquecível; utilizando, como referencial, a semiótica entrelaçada juntamente com a literatura de romance policial e com a pesquisa exploratória.

A semiótica a partir da qual construímos nossa argumentação se baseou na obra de Charles Sanders Peirce, que, diferentemente das semióticas europeias, apresenta toda uma organização dos signos que é muito útil como referência teórica para aqueles que desejam estudar literatura ou qualquer outra das artes.

2. A GÊNESE DO ROMANCE POLICIAL

“Nosso primeiro encontro se deu numa escura livraria da Rua Montmartre, onde o acaso de estarmos à procura do mesmo livro, notável e raro, nos fez entrar em estreitas relações. Víamo-nos frequentemente...”

(Edgar A. Poe – Os crimes da Rua Morgue)

Primeiro de tudo seria estritamente importante começar a elucidar o que seria o romance policial e quando tudo começou. Segundo Reimão (1989), aquilo a que chamamos de romance policial nada mais é do que uma narrativa de detetive policial ou uma espécie de romance de enigma. Reimão, outrossim, afirma seguidamente que:

A denominação romance de enigma nos parece perfeita, pois, de fato, esse gênero policial parte sempre de um enigma. Sua gênese, seu ponto de partida é sempre uma dada situação de enigma. O enigma atua, então, como desencadeante da narrativa, e a busca de sua solução, a elucidação, o explicar o enigma, o transformar o enigma em um

não-enigma é o motor que impulsiona e mantém a narrativa; quando se esclarece o enigma, se encerra a narrativa. (REIMÃO, 1989, p. 9)

O gênero policial se originou no século XIX, com o escritor estadunidense Edgar A. Poe (1809-1849), que foi responsável pela criação do primeiro “detetive”, Auguste Dupin, em 1841, com o conto *Os Assassínatos da Rua Morgue*; posteriormente, os contos *A carta roubada* e *Marie Roget* foram publicados em 1842. Nota-se leitor, que o termo *detetive* está entre aspas, pois em momento algum dos três contos em que Dupin aparece, Poe o nomeia como detetive, sendo a palavra *detetive* nada mais do que o encurtamento da palavra *detective police*, polícia investigativa, o que é algo curioso, pois Dupin também não era policial. Dupin não é realmente um detetive profissional, e suas motivações mudam ao longo das histórias. No romance *Os Assassínatos da Rua Morgue*, Dupin investiga os assassinatos por diversão e não aceita recompensa por provar a inocência de um homem acusado injustamente, assim visto no próprio conto:

Sente prazer até com as ocupações mais triviais que põem em jogo o seu talento. Gosta de enigmas, adivinhas, hieróglifos, revelando, em cada uma de suas soluções, uma agudeza que parece sobrenatural às pessoas comuns. Os resultados, obtidos devido apenas ao espírito e à essência do método empregado, têm, na verdade, a aparência completa de uma intuição. (POE, 2021, p.1)

Já em *A carta roubada*, conto posterior ao *Os Assassínatos da Rua Morgue*, um comissário da polícia francesa pede a ajuda de Dupin e de seu amigo para recuperar uma carta comprometedora que tinha sido roubada de uma conhecida dama. Nesse conto, diferentemente de seu antecessor, Dupin investiga com o intuito de receber a recompensa:

Minha honra está em jogo e, para mencionar um grande segredo, a recompensa é enorme. De modo que não abandonarei as pesquisas enquanto não me convencer inteiramente de que o ladrão é mais astuto do que eu. Creio haver investigado todos os cantos e esconderijos em que o papel pudesse estar oculto. (POE, 2021, p.3)

Nos contos de Edgar Allan Poe, o destaque da narrativa se centralizava na forma de uma narração focada em descobrir a identidade de um suposto criminoso, pretendendo provocar no leitor uma espécie de curiosidade. O filósofo William James (1889), em seus tratados, refere-se à curiosidade como "o impulso para uma melhor cognição", significando o desejo de saber o que você sabe que não sabe. Essa definição inicial de curiosidade, diz ele, desde então deu lugar a uma “forma superior e mais inteligente” – um impulso para um conhecimento científico e filosófico mais abrangente.

3. DETETIVE CONSULTOR

“É um erro grave formular teorias antes de conhecer os fatos. Sem querer, começamos a mudar os fatos para que se adaptem às teorias, em vez de formular teorias que se ajustem aos fatos.”
(Sir Arthur Conan Doyle – *Escândalo na Boêmia*)

Em relação às referências bibliográficas, muito se tem estudado sobre nosso autor; porém mais especificamente, de acordo com Jarbas de Mesquita (2021), o grande escritor Arthur Conan Doyle nasceu em Edimburgo, na Escócia, em 22 de maio de 1859. Formou-se em medicina pela Universidade de Edimburgo, em 1885, quando montou um consultório e começou a escrever histórias de detetive. *Um Estudo em Vermelho*, publicado em 1887, pela revista Beeton's Christmas Annual, introduziu ao público aqueles que se tornaram os mais conhecidos personagens de histórias de detetive da literatura universal: Sherlock Holmes e Dr. John H. Watson. Com eles, Conan Doyle imortalizou o método de dedução, utilizado nas investigações, e o ambiente da Inglaterra vitoriana. Seguiram-se outros três romances com as mesmas personagens, além de inúmeras histórias, publicadas nas revistas Strand, Collier's e Liberty e, posteriormente, reunidas em cinco livros. Um fato curioso de Doyle, sobre a criação de Holmes, é que ele foi parcialmente baseado em um professor de sua época na universidade, Joseph Bell, a quem Conan Doyle escreveu: "É mais do que certo que é a você a quem eu devo Sherlock Holmes [...]. Com base no centro de dedução, na interferência e na observação que ouvi você inculcar, tentei construir um homem". Bell inspirou não somente a criação da personalidade de Holmes, mas também o porte físico do detetive. Em um texto publicado no The National Weekly, em 1923, Doyle conta como foram seus anos na faculdade de medicina, quando iniciou o processo de criação de sua personagem mais famosa. Doyle teria se baseado também na filosofia de Bell, que dizia "a maioria das pessoas veem, mas não sabem observar". Porém, comicamente, devido ao caráter arrogante de Holmes, Bell negou a inspiração e tomou-a como pejorativa à sua pessoa.

Apesar do grande sucesso de seu trabalho, Conan Doyle não apreciava, de modo suficiente, a tarefa de escrever histórias com Sherlock Holmes, porque considerava a ficção policial uma literatura de segunda categoria. Aliás, esse tipo de história só começou a ganhar respeito após o sucesso de sua personagem. Conan Doyle preferia escrever o que considerava boa literatura, como consta em sua biografia; em novembro de 1891, escreveu para sua mãe: "pensei em matar Holmes..., para acabar com sua vida de uma vez por todas; ele tirou meus pensamentos de coisas boas". E ele realmente o fez, no conto intitulado "O Problema Final", deixando a personagem de lado durante 10 anos, de 1893 a 1903. Porém, com a imensa revolta

dos fãs, Doyle acabou por "ressuscitar" a personagem, no conto 'A Casa Vazia', o primeiro do livro *A Volta de Sherlock Holmes*. Paralelamente, sobre a célebre personagem de Doyle, Sherlock Holmes, muito se é dito, resultante de uma extensa coleção de livros de Doyle sobre Holmes, 56 contos e quatro romances. Em contrapartida, pode-se ter, logo no primeiro romance, uma extensa descrição de Sherlock Holmes, tanto em aparência quanto em personalidade, tudo descrito por seu companheiro Dr. Watson, encontrado no capítulo II, nomeado de 'Ciência da dedução'.

Holmes não era um homem de convívio difícil. Tinha modos tranquilos e hábitos regulares. Raramente estava de pé depois das dez horas da noite, e invariavelmente já tinha tomado o desjejum e saído quando eu me levantava de manhã. Às vezes passava o dia no laboratório de química, às vezes nas salas de dissecação, e eventualmente em longas caminhadas, que pareciam levá-lo ao submundo da cidade. [...] Nessas ocasiões, eu notava uma expressão tão sonhadora e aérea em seus olhos que poderia ter desconfiado que era viciado em algum narcótico, se a temperança e a correção de toda a sua vida não proibissem semelhante ideia. [...] Sua pessoa e aparência, por sua vez, eram tais que chamavam a atenção do mais superficial observador. Tinha certamente mais de um metro e oitenta e dois de altura, mas era tão excessivamente magro que parecia ainda mais alto. Seus olhos eram vivos e penetrantes, salvo durante aqueles intervalos de torpor a que aludi; e seu nariz fino e aquilino dava ao conjunto de sua expressão um ar de alerta e determinação. Também o queixo, proeminente e quadrado, indicava o homem decidido. Embora suas mãos estivessem invariavelmente manchadas de tinta e produtos químicos, possuía extraordinária delicadeza de tato, como frequentemente tive oportunidade de observar ao vê-lo manipular seus frágeis instrumentos científicos. [...] Ele dizia que não adquiria nenhum conhecimento que não fosse relacionado com seus objetivos. Portanto, todo conhecimento que possuía era do tipo que poderia lhe ser "útil". (DOYLE, 1887, p. 17)

Nosso detetive é descrito como um homem de habilidades especiais; porém, apenas em áreas específicas, como química e anatomia, que ele considera essenciais para o auxílio de seu ofício. Em seguida encontramos então sua curiosa *teoria do sótão*:

Considero que o cérebro de um homem é originalmente como um pequeno sótão vazio, que temos de encher com os móveis que escolhemos. Um tolo recolhe todo tipo de trastes com que depara [...]. O trabalhador competente, porém, é muito cuidadoso com relação ao que leva para seu cérebro-sótão. Não guardará nada lá a não ser as ferramentas que possam ajudá-lo em seu trabalho, mas essas têm grande sortimento, e todas na mais perfeita ordem [...]. É da maior importância, portanto, não ter fatos inúteis expulsando os úteis. (DOYLE, 2009, p.35)

Holmes aqui considera apenas o conhecimento que pode ser útil para seus propósitos, ignorando outros assuntos. Com isso, ele ganha um nível maior de foco e velocidade para conectar as informações necessárias para resolver o problema. Em conversa com Watson, ele falou porque tem um conhecimento riquíssimo em alguns assuntos e nem tanto em outros que podem ser considerados básicos, e qualquer criança saberá responder. Outro fato interessante é que, segundo pesquisas, cerca de 58% dos jovens acreditam que Sherlock Holmes realmente existiu, relatando então essa curiosidade; para finalizar este tópico, seria atrativo citar o legado

que a personagem trouxe para a cultura pop dos dias atuais, incluindo adaptações não tão longínquas. Nas muitas adaptações já feitas, alguns atores ficaram famosos pela interpretação do personagem, dois dos mais conhecidos são Basil Rathbone, em filmes de 1939 a 1946, e Jeremy Brett, na série da Granada Television, de 1984 a 1994, sendo este último apontado, por muitos fãs e cinéfilos, como o ator que mais se dedicou ao papel, construindo uma das melhores e mais icônicas atuações. Algumas outras adaptações são os filmes: *Sherlock Holmes* (filme de 2009), e sua continuação, *Sherlock Holmes: A Game of Shadows*, ambos do diretor inglês Guy Ritchie, com Robert Downey Jr. no papel principal e Jude Law como John Watson. A série britânica *Sherlock*, de Steven Moffat e Mark Gatiss, foi lançada em 2010 e retrata Holmes nos dias atuais. O endereço onde mora é o mesmo: 221B da Baker Street, em Londres, na Inglaterra. Benedict Cumberbatch dá vida a Sherlock Holmes e Martin Freeman ao Dr. John Watson, sendo dita atualmente como a adaptação mais famosa e aclamada do detetive. Além da série japonesa *Miss Sherlock*, lançada em 2018, com as duas personagens principais interpretadas por mulheres: Yūko Takeuchi, como Sara "Sherlock" Shelly Futaba, e Shihori Kanjiya, como Dra. Wato. E por fim, mas não menos importante, Holmes também tem destaque no filme de 2020, protagonizado pela sua “irmã”, Enola Holmes, uma personagem criada pela escritora americana Nancy Springer, que conta com uma continuação homônima, *Enola Holmes 2*, lançada em outubro de 2022.

4. SEMIÓTICA SHERLOCKIANA

“O poder analítico não deve confundir-se com a simples engenhosidade porque, se bem que seja o analista necessariamente engenhoso, muitas vezes acontece que o homem engenhoso é notavelmente incapaz de análise.”

(Edgar A. Poe - Os crimes da Rua Morgue)

A semiótica americana, segundo Santaella (2007), é um recorte que faz parte da vasta filosofia de Peirce; filosofia esta que está entrelaçada na fenomenologia, que de acordo com Joel Martins (1990), é um movimento cujo objetivo precípua é a investigação direta e a descrição de fenômenos que são experienciados conscientemente, sem teorias sobre a sua explicação causal e tão livre quanto possível, de pressuposto e preconceitos. Em suma, ele investiga os modos como apreendemos qualquer coisa que aparece à nossa mente: um cheiro, uma formação de nuvens, um ruído de chuva, ou mesmo algo complexo como um conceito abstrato provocado por uma

lembrança. No que se diz respeito à percepção da semiótica de Peirce, adentrando em artigos sobre este assunto, é importante trazer visões de estudiosos sobre esta temática; assim, Santaella afirma que:

Peirce, ao desenvolver sua teoria semiótica, perseguiu conceitos que dessem conta de todos os tipos possíveis de signo, construindo uma teoria de caráter geral, algo que fica patente quando se leva em conta a abrangência dos três elementos que compõem a concepção de signo peirceana – signo ou *representamen*, objeto e interpretante. O signo ou representação – aquilo que, sob um certo aspecto, está para uma mente interpretativa, no lugar de algo (o objeto) – não se limita às entidades existentes. Entidades ficcionais, imaginárias, meramente sonhadas são capazes de ser signos. (SANTAELLA, 2000, p. 15)

Já em relação a uma outra tripartição de Peirce, aquela que diz que os signos ou são ícones, ou índices, ou símbolos, temos a seguinte relação, que nos interessa muito, em virtude da proposição de nosso artigo:

Tabela 1: Tripartição de Peirce ao Signo.

	Signo em relação a si mesmo	Signo em relação ao objeto	Signo em relação ao interpretante
Primeiridade	Qualissigno	Ícone	Rema
Secundidade	Sinsigno	Índice	Dicente
Terceiridade	Legissigno	Símbolo	Argumento

(Tabela: Demonstração de argumentos)

Os signos literários estão na confluência entre dois tipos dos signos apresentados na tabela acima, entre ícones e símbolos, sendo que vem daí, dessa mistura e das trocas referentes a ela, toda a riqueza desses signos, o que inclui nossa personagem, Sherlock Holmes, signo literário tanto icônico quanto simbólico. Esse jogo entre o icônico e o simbólico transforma a plasticidade neuronal, dando maior dinamicidade ao sistema nervoso, o que fica claro com as palavras de Morais, Melo e Oliveira (2015, p. 134):

A plasticidade neuronal ocorre por toda a vida. No entanto, nos primeiros anos de vida, o sistema nervoso é extremamente plástico. “A capacidade de formação de novas sinapses é muito grande, o que é explicável pelo longo período de maturação do cérebro, que se estende até os anos da adolescência” (COSENZA & GUERRA, 2011, p. 35). Ainda que diminuída, após da fase de maturação cerebral, a plasticidade neuronal permanece pela vida inteira, sendo mantida, portanto, a capacidade de aprendizagem, sobretudo pela proficiência em leitura.

Nos indivíduos adultos, a plasticidade é desenvolvida, de forma fina e profícua, pela literatura, ou pelas outras artes, sendo que, no nosso caso, por meio da literatura de Conan Doyle, toda a confluência citada entre ícones e símbolos é riquíssima para as metamorfoses relativas à plasticidade neuronal, justamente por estabelecer um paradoxo entre a liberdade da fluência

icônica e a fixidez da recordação simbólica. A plasticidade neuronal tem a ver com a capacidade de auto-organização dos neurônios, o que acontece em qualquer fase da vida, desde que existam estímulos positivos e ligados a afetos; sendo assim, temos toda uma flexibilidade e adaptabilidade cerebral relativa a novas situações proporcionadas pelos meios internos do cérebro e externos sociais e interacionais.

E as processualidades que mais desenvolvem essas relações cerebrais são as ligadas à estética e à lógica, o que encontramos na iconicidade estética e na simbologia da lógica; assim, as misturas e as trocas possibilitadas pela confluência entre ícone e símbolo operam no cérebro por meio de criações estéticas e, também, por meio de transformações sinápticas. Um outro trecho do artigo citado acima, de Moraes, Melo e Oliveira, ajudar-nos-á na sequência de nossa argumentação; os autores se referem ainda a Peirce, desta vez por meio de observações traçadas por Santaella:

Postula que os três tipos de linguagem – verbal, visual e sonora – constituem-se nas três matrizes da linguagem e pensamento, a partir das quais se originam todos os tipos de linguagens e processos sógnicos que os seres humanos foram capazes de produzir no percurso de toda a sua história. “A grande variedade e a multiplicidade crescente de todas as formas de linguagens (literatura, música, teatro, desenho, pintura, escultura, arquitetura, etc.) estão alicerçadas em não mais do que três matrizes”. A hipótese santaelliana tem como fundamento a Semiótica e as categorias fenomenológicas universais de Peirce (2005), sendo, portanto, uma expansão da sua teoria e classificação dos signos. (SANTAELLA, 2005, 2015, p. 20 e 136).

No entanto, essas três classes de linguagens não são apenas a aplicação da semiótica às matrizes. Com isso em mente, não podemos ignorar os processos de transformação e as misturas inerentes aos sistemas de signos, as três matrizes e suas combinações que compõem a diversidade de todas as línguas. Porque, segundo Santaella (2001), todas as línguas são híbridas, entrelaçando com as categorias da primeiridade, da secundidade e da terceiridade. Cada uma dessas categorias encontra uma correlação com cada linguagem e com cada matriz de pensamento: a matriz do sonoro corresponde à primeiridade, a matriz do visual à secundidade e a matriz do verbal à terceiridade.

4.1 A ESSÊNCIA SHERLOCKIANA –

“— O meu cérebro — disse Sherlock Holmes — se revolta contra a estagnação. Dê-me problemas, dê-me trabalho, dê-me o mais abstruso criptograma, ou a mais intrincada análise, e estarei no meu

elemento. Detesto a rotina monótona da existência.

Preciso ter a mente em efervescência.”

(Sir Arthur Conan Doyle – O signo dos quatro)

Sherlock pertence originariamente ao universo verbal (hoje, já está presente em textos híbridos como filmes, jogos e animações); e não a qualquer universo verbal, mas ao literário – mundo rico de sentidos, de semioses e de potencialidades criativas. Com sua presença no cinema, procedimento semiótico que cria sentidos verbais, visuais e sonoros, suas marcas nas mentes dos espectadores se tornam mais indelévels, fixando possibilidades de significação e de sentidos que servem como ícones e como símbolos, o que já havíamos dito anteriormente.

Morais, Melo e Oliveira, citando Santaella, ajudam-nos, ainda, a compreender as idades lógicas de Peirce:

Dada a função da fenomenologia, passemos às categorias universais peirceanas. Os estudos empreendidos por Peirce o levaram a apresentar três elementos formais e universais em todos os fenômenos que se apresentam à percepção e à mente. Esses elementos foram denominados inicialmente de (a) qualidade, (b) relação e (c) representação. Posteriormente, para fins científicos, a terminologia fixada para as categorias foi (a) primeiridade, (b) secundidade e (c) terceiridade. A categoria primeiridade aparece em tudo que estiver relacionado com qualidade, acaso, possibilidade, sentimento, originalidade, liberdade. A categoria secundidade está ligada às ideias de dependência, dualidade, determinação, ação e reação. E a categoria terceiridade refere-se à generalidade, continuidade, crescimento, inteligência. A terceiridade, na sua forma mais simples, na visão de Peirce (2005), manifesta-se no signo. Segundo Santaella (2005), “o signo é um primeiro (algo que se apresenta à mente), ligando um segundo (aquilo que o signo indica, se refere ou representa - a um terceiro – o efeito que o signo irá provocar em um possível intérprete)”. (MORAIS; MELO; OLIVEIRA, 2015, p. 138)

Dessa maneira, a partir dessa última citação, podemos vislumbrar a iconicidade de Sherlock como oriunda da primeiridade, ou seja, do acaso, da possibilidade, do sentimento, da originalidade e da liberdade; já os seus conteúdos simbólicos, oriundos da terceiridade, devem ser compreendidos como generalidade, continuidade, crescimento e inteligência. E, assim, toda a construção semiótica da personagem Sherlock deve ser abarcada como a conjunção das duas matrizes lógicas potencialmente criativas, primeira e terceiridade, o que colabora tanto com a qualidade da personagem quanto com a sua permanência nas mentes de quem se apropria da literatura de Doyle.

Outro autor, Hans-Georg Gadamer, filósofo da Hermenêutica, ajudar-nos-á mais a frente a discernir o potencial simbólico da personagem Sherlock, por meio de sua explicação das vivências básicas da experiência antropológica. Iniciaremos nossa análise pela compreensão de um símbolo, tanto icônico quanto indicial, de Sherlock, ou de um ícone, tanto simbólico quanto indicial, sempre a partir de Peirce e de sua semiótica:

Figura 1: Sherlock Holmes Icon.



(Fonte: Ícone criado digitalmente por Matthew Davis via <https://thenounproject.com/>)

A figura em questão é inicialmente um índice, por estar no domínio do visual – Secundidade, para Peirce; entretanto, também funciona como símbolo, já que remete simbolicamente, como pedaço de recordação, a Sherlock – Terceiridade, para Peirce; tendo ainda valores icônicos, já que carrega em si qualidades da personagem – Primeiridade para Peirce. Assim, como já havíamos dito antes, esse índice simbólico e icônico, ou símbolo indicial e ícone, referencia nossa personagem, tornando-a conhecida e dando-lhe fama.

Caminhando a Gadamer, filósofo ao qual já havíamos nos referenciado, outro de nossos nortes teóricos, podemos contemplar as suas noções de memória, de jogo e de festa. Para esse filósofo, a experiência hermenêutica humana tem como ponto de partida a memória ou pedaços de recordação, tratando-se inicialmente do valor simbólico da experiência antropológica (um ótimo exemplo dessa porção do experimento humano é o jogo de xadrez, que, sem memória dos valores das peças e de suas funções e movimentos, é impossível de ser jogado); após essa potencialidade e virtualidade da memória, vem o jogo em si; e, posteriormente, chega-se à festa, com todas as expectativas que a precedem.

Portanto, esse esquema serve para todas as experiências; quando um jovem inicia seus estudos acadêmicos, precisa adquirir memória, repertório e todo um referencial teórico que o ajudará durante o jogo; e toda atividade lúdica é experimentada, com vivências práticas e com a utilização desse referencial, visando a festas; cada avaliação bem-sucedida e cada aprovação se constituirão em festejos alegres e estimulantes. O símbolo de Sherlock que se encontra acima, também possui todos esses valores, sendo pedaço de recordação, estimulando ao jogo e propondo, por meio de expectativas, a festa da compreensão e da solução de enigmas.

5. SHERLOCK EM NOSSO PALÁCIO MENTAL

“— A investigação é, ou devia ser, uma ciência exata e, como tal, tratada de maneira fria e sem a menor emoção. Você (Watson) procurou lhe dar certo colorido romântico, o que produz o mesmo efeito de uma história de amor ou de um rapto transformados na quinta proposição da geometria euclidiana.”

(Sir Arthur Conan Doyle – O Signo dos Quatro)

Sherlock é ícone por ser qualidade pura em relação à sua criação como signo literário verdadeiramente ficcional e passível de leituras variadas; e é símbolo, por estabelecer na mente de seus leitores pedaços de recordações inesquecíveis. É conveniente citar que a palavra ‘símbolo’ tem origem grega e indica pedaço de recordação, isto é, algo que fica na memória enquanto dado simpático ou enquanto dispositivo para agenciamentos posteriores. Dessa forma, quando um ícone se mistura com um símbolo, o resultado é algo que pertence tanto ao indizível possível ou provável, quanto ao dizível determinado textual e circunstancialmente; já que pode ser dito, enquanto símbolo, mas não de maneira definitiva, posto ser também ícone. E essa conjunção de valores simbólicos e icônicos transforma o signo literário, aqui, em nosso caso, uma personagem riquíssima, em dispositivo para semioses variadas e igualmente riquíssimas.

Do ícone, Sherlock, conjuntamente com o autor da obra, tirou a sua qualidade de rema, daquilo que se comporta com fluxo (a palavra ‘rema’ também é de origem grega, como símbolo, e tem semas que traduzem fluências puramente qualitativas); a personagem, então, é qualidade pura, o que a valida como literária e o que, também, acrescenta possibilidades de leituras várias e ricas; do símbolo, Sherlock tirou a capacidade de entrar e de ficar nas almas de quem lê as obras de Conan Doyle, já que passa a habitar lugares preciosos nas mentes daqueles que são apaixonados por eles, tanto pela personagem, quanto pelo autor. Assim, por meio de seus raciocínios e de suas perspicazes ações, Sherlock vai agenciando encontros, desenvolvendo experimentações e criando devires com seus leitores, o que permite que suas verves icônicas e simbólicas, cada vez mais, passem a habitar espaços cognitivos e sensitivos nos leitores.

REFERÊNCIAS

Bicudo, Maria Aparecida Viggiani. **Sobre a fenomenologia: pesquisa qualitativa em educação**. Piracicaba: Unimep (1994): 15-22.

COSENZA, Ramon; GUERRA, Leonor. **Neurociência e educação**. Artmed Editora, 2009.

DE MESQUITA NETO, Jarbas. **Arthur Conan Doyle entre as ciências e a literatura. Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 2, p. 20656-20662, 2021.

DOYLE, Arthur Conan. Sir Arthur Conan Doyle: **Memories and Adventures: an Autobiography**. Wordsworth Editions, 2007.

DOYLE, Arthur Conan. **Um estudo em vermelho**. FTD Educação, 1954.

James W. **Talks to Teachers on Psychology: And to Students on Some of Life's Ideals**. New York: Henry Holt & Company; 1899

LIEBOW, Ely. **Dr. Joe Bell: Model for Sherlock Holmes**. Popular Press, 1982.

MARTINS, Joel; BOEMER, Magali Roseira; FERRAZ, Clarice Aparecida. **A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa algumas considerações**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 24, p. 139-147, 1990.

MORAIS, M. R.; MELO, M. A.; OLIVEIRA, L. R. P. F. **Neuroplasticidade e matrizes da linguagem e pensamento: contribuições da leitura poética**. In: Congresso Nacional de Linguística e Filosofia, 19., 2015, Cadernos do CNLF, vol. XIX, Nº 09 – Leitura e Interpretação de Textos Rio de Janeiro, CiFEFiL, 2015, 21p.

POE, Edgar Allan. **Os crimes da rua Morgue**. Leya, 2021.

PRESSE, Francis. **Ingleses acham que Sherlock Holmes realmente existiu, diz pesquisa. G1**, 2008. Disponível em:<<https://www.lpm-editores.com.br/artigosnoticias/go.asp?NoticiaID=918463>>. Acesso em: 02, dezembro,2022.

Reimão, Sandra Lúcia. **O que é romance policial**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia**. Editora Iluminuras Ltda, 2001.

Santaella, Lúcia. **O que é semiótica**. Brasiliense, 2017.

*